

CONTROLE SOCIAL NA TRANSMISSÃO DA LITERATURA LATINA

Fábio Frohwein de Salles MONIZ*

- **RESUMO:** Este artigo pretende apontar, na transmissão da literatura latina, aspectos da censura bibliográfica, entendida minimamente como conjunto de procedimentos mecânicos e intelectuais na edição de livros, para orientação da leitura e controle social. Como *corpus* literário de nossas considerações, selecionamos a sátira IX, por ser um dos poemas de Juvenal mais censurados na tradição textual. Num primeiro momento, interpretaremos e analisaremos essa obra, identificando elementos estruturadores do gênero satírico e da estética juvenaliana. Posteriormente, observaremos questões relacionadas à transmissão do texto de Juvenal, dedicando-nos especificamente aos expurgos em algumas edições modernas das suas sátiras. Com relação à noção de controle social, baseamo-nos no pensamento de Émile Durkheim e de Michel Foucault, utilizando ainda abordagens mais recentes sobre o tema, sugeridas por Marcos César Alvarez (2004) em seu artigo “Controle social: notas em torno de uma noção polêmica”.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura latina. Sátira. Juvenal. Censura bibliográfica. Controle social.

Exm Rm Senhor,
[...] no correio passado, [...] recebi uma carta de ofício de Vossa Excelência, na qual me ordenava de se fazer busca aos livreiros, [...] fazendo juntamente apreensão nos livros clássicos de Virgílios, Horácios e Ovídios; [...] fiz apreensão em vinte e cinco livros de Virgílios, Horácios e Ovídios aos estudantes, noticiando-lhes que comprassem as *Selectas* de Chompré [...] (VERDELHO, 1995, p.202).

Com essas palavras, José Pereira da Silva Manoel, juiz de fora de Moncorvo (Portugal), prestava contas a Tomaz de Almeida, diretor geral de estudos, em carta de 22 de outubro de 1765. Na verdade, José Pereira apenas colocava em prática

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Letras Clássicas. Rio de Janeiro, RJ – Brasil – 22.250-110 – fabiofrohwein@gmail.com

Artigo recebido em 29/03/2014 e aprovado em 14/07/2014.

diretrizes do Marquês de Pombal com relação à leitura de autores latinos definidas nas *Instruções para os professores de gramática latina, grega, hebraica e de retórica*, documento com força de lei publicado em 1759. Ali, o estadista português prescrevia as famosas edições *ad usum scholarum*: “Todos os doutos recomendam a escolha de livros acomodados para o uso de principiantes; e com este fim trabalharam muitos, e se tem composto vários com muita propriedade e acerto” (MONIZ, 2009, p.239).

Estaria o Marquês de Pombal preocupado somente com questões didáticas e pedagógicas? Um certo pavor quanto aos clássicos rondava a mente dos educadores da época. Paula Findlen (1999, p.53) conta-nos que “[...] os humanistas, como os rapazes do século XVIII diagnosticados como vítimas de onanismo, azedaram seu sêmen por causa da masturbação muito frequente estimulada pelos clássicos”. Nesse pormenor, os educadores jesuítas, expulsos por Marquês de Pombal do território português, já apresentavam, dois séculos antes, preocupação semelhante, a saber, o controle da leitura dos clássicos, asseverando ser necessária “[...] emenda aos livros de humanidades de Plauto, Terêncio, Horácio, Marcial e Ovídio” e outros em função dos “devaneios que suscitam em cabeças juvenis” (LEITE, 1938, p.543).

Na conferência de abertura da XXXII Semana de Estudos Clássicos, o professor Jacynto Lins Brandão definiu que “clássico é tudo o que se abre à usura do tempo” (informação verbal)¹. Como modesta contribuição, acrescentaríamos que clássico é tudo o que sobrevive e se enriquece com a usura do tempo, já que o esquema policialesco construído ao longo da transmissão da literatura latina, seja por meio de buscas, apreensões e fogueiras, seja por meio de sofisticada tecnologia de censura bibliográfica, revela a pujança do clássico, que atravessou tantos obstáculos, não sem hoje exibir suas cicatrizes.

Em qualquer civilização, a tradição, seja ela oral ou escrita, enquanto fato social, advém da necessidade de manutenção dos códigos de conduta em vigência. No âmbito literário, a tradição funda-se na conservação da memória de textos de uso repetido, tarefa do filólogo que se divide em três frentes, a saber, 1) salvaguarda dos textos da destruição material, 2) conservação do sentido original dos textos e 3) integração dos textos em conexões mais amplas (LAUSBERG, 1974, p.21-22). Mas uma tradição em que textos são transmitidos sem resignificações e, inclusive, alterações em sua redação, embora constitua o ideal da filologia/crítica textual, não se verifica plenamente em determinado momento dos estudos clássicos, quer seja no conjunto de edições modernas, quer seja na exegese/ensino das obras de autores latinos.

Há casos em que se constata o extremo oposto da manutenção do texto, isto é, o seu expurgo total/parcial ou tradução atenuada. Obras latinas em que se verifica, por exemplo, a temática do homoerotismo consistem em expressivo *corpus*

¹ Realizada na Faculdade de Letras da UFRJ de 5 a 7 de novembro de 2013.

de investigação sobre o controle social na transmissão dos clássicos, já que o sexo entre homens ou entre mulheres, considerado estéril no horizonte das sociedades modernas e capitalistas, é alvo de repressão que “[...] funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 2001, p.10). Neste artigo, estudaremos o caso a sátira IX de Juvenal, uma das mais censuradas ao longo das edições modernas do texto juvenaliano, por expor uma relação homoerótica masculina.

Único poema, entre as dezesseis sátiras de Juvenal, a se estruturar totalmente em forma de diálogo, a sátira IX coloca em cena o personagem fictício Névolu, um *cliens*, falido e amargurado em função de seu patrono, Virrão, não lhe pagar à altura pelos serviços sexuais prestados. O poema inicia com a pergunta da *persona* satírica a Névolu sobre o motivo de sua melancolia e da mudança súbita de humores, uma vez que no passado ele vivia a gracejar mordazmente e esbanjava impetuosidade. Névolu exibe a tristeza de Mársias – o petulante arqueiro frígio supliciado por Apolo – ou de alguém que tenha sido flagrado em situação vexatória:

*Scire velim quare totiens mihi, Naevole, tristis
occurras fronte obducta ceu Marsya victus.
quid tibi cum vultu, qualem deprensus habebat
Ravola dum Rhodopes uda terit inguina barba?*
(JUVENAL, 1974, v.1-4, p.73).

[Névolu, eu queria saber por que tão frequentemente tu, triste, te apresentas a mim, coberta a fronte, como o vencido Mársias. O que tens com o rosto, qual tinha Rávola, tendo sido surpreendido, enquanto esfrega as virilhas de Ródope com a barba úmida?]².

Antes extremamente vaidoso, Névolu tornou-se figura de aparência decrépita. Exibe o semblante carregado, cabelo e pele descuidados, pernas não mais depiladas, enfim, aspecto muito distinto do adúltero que outrora seduzia até os maridos que acompanhavam suas mulheres aos templos:

*Nuper enim, ut repeto, fanum Isidis et Ganymedem
Pacis et aduetae secreta Palatia matris
et Cererem (nam quo non prostat femina templo?)
notior Aufidio moechus celebrare solebas,
quodque taces, ipsos etiam inclinare maritos.*
(JUVENAL, 1974, v.22-26, p.7).

² Todas as traduções são de responsabilidade do autor deste artigo.

[Com efeito, recentemente, conforme me lembro, tu, adúltero mais famoso que Aufídio, costumava profanar o templo de Ísis e Ganimedes da Paz e os secretos palácios da mãe transportada por navio e Ceres (acaso em que templo uma mulher não se prostituiu?), costumavas ainda, o que tu calas, corromper os próprios maridos].

Frente à curiosidade da *persona* satírica, Névolo explica a causa de tamanha decadência: sua profissão, muito útil a várias pessoas, não lhe tem propiciado o devido retorno financeiro. Virrão, patrono avaro de Névolo, paga com mercadorias baratas pelos serviços sexuais. Por isso, o *cliens* deplora sua situação. Maldiz, inclusive, dispor de um pênis avantajado, já que de nada adianta a quem é desfavorecido pela sorte:

[...] *Nam si tibi sidera cessant,
nil faciet longi mensura incognita nerui,
quamuis te nudum spumanti Virro labello
uiderit et blandae adsidue densaeque tabellae
sollicitent [...].*
(JUVENAL, 1974, v.33-37, p.74).

[Com efeito, se os astros te negligenciam, nada granjeará o desconhecido tamanho do longo pênis, embora Virrão te veja nu, espumando o labiozinho, e com frequência cartas carinhosas e numerosas convidem].

Além de ser mal recompensado, o trabalho é desagradável e humilhante:

*An facile et pronum est agere intra uiscera penem
legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?
Seruus erit minus ille miser qui foderit agrum
quam dominum [...].*
(JUVENAL, 1974, v.43-46, p.74).

[Acaso é fácil e suportável meter um excelente pênis entre as entranhas e encontrar ali a ceia da véspera? Será menos desgraçado o escravo que tiver cavado o campo do que o que tiver cavado o senhor].

Arrepende-se de ter, muitas vezes, contribuído para salvar o casamento de Virrão, ajudando-o, sobretudo, a ganhar filhos e, assim, levando-o a usufruir dos direitos paternos e testamentários. O patrono nada disso considerou, uma vez que Névolo nada ou muito pouco recebeu em troca pelos favores. A *persona* satírica acha justa a reclamação de Névolo, mas pergunta-lhe o que Virrão alega para tratá-lo dessa forma. O interlocutor responde apenas que o patrono o despreza e busca um substituto para colocar em seu lugar.

Névolo pede à *persona* satírica que guarde em segredo suas reclamações, pois não há nada mais perigoso do que a cólera de um rico efeminado, cuja riqueza pode comprar grande quantidade de veneno. A ingenuidade do *cliens*, porém, é motivo de zombaria, já que não é possível guardar segredo sobre os hábitos dos ricos – os escravos da casa ou os funcionários das tabernas encarregar-se-ão espontaneamente de maquinar boatos. Melhor é, na opinião do satírico, viver de forma honesta para que não haja necessidade de se acautelar quanto à má língua dos escravos. Embora o conselho seja útil, Névolo precisa de orientação específica à sua situação, uma vez que perdeu muito tempo e que sua juventude foi consumida ao lado de um patrono que não soube lhe dar valor. A *persona* satírica tenta consolar Névolo, garantindo que nunca faltarão patronos efeminados em Roma e que não haverá, portanto, escassez de trabalho:

*Ne trepida, numquam pathicus tibi derit amicus
stantibus et saluis his collibus; undique ad illos
conuenient et carpentis et nauibus omnes
qui digito scalpunt uno caput. [...].
IUVENAL, 1974, v.130-133, p.77).*

[Não tema, nunca te faltará um amigo devasso, estando estas colinas de pé e a salvo; até elas, virão de toda a parte, não só por carruagens bem como por navios, todos aqueles que esgaravatam a cabeça com um único dedo].

O conselho do satírico, entretanto, é muito abstrato. A Névolo, interessam apenas soluções concretas para sua penúria, já que o único meio de que dispõe para obter o sustento é seu talento para o sexo:

*Haec exempla para felicibus; at mea Clotho
et Lachesis gaudent, si pascitur inguine uenter.
(IUVENAL, 1974, v.135-136, p.77).*

[Ordena estes exemplos aos venturosos. Mas a minha Cloto e Láquesis alegam-se, se o ventre é alimentado graças à virilha].

Em linhas gerais, Juvenal, na sátira IX, trata dos hábitos efeminados dos homens de sua época. A questão do homoerotismo masculino é abordada também na sátira II, em que a *persona* satírica do poema critica os falsos filósofos que, não obstante aparência e conduta públicas guiadas pelo estoicismo, praticam vícios na vida particular. O satírico lança-se, ainda, ao problema da hipocrisia e da decadência da aristocracia romana, personalizados nas figuras de Crético, Oto e Graco. Cada qual, a seu jeito, é marcado por comportamentos efeminados e representa, no ponto de vista da *persona* satírica, a subversão de valores fundados na boa conduta com relação a religião, família e exército, instituições fundamentais da sociedade romana.

O homoerotismo, na obra juvenaliana consiste, portanto, num tema, dentre inúmeros outros, relacionado ao *tópos* da degradação da sociedade romana. A crítica de Juvenal à realidade social de Roma ilustra de modo representativo a ideologia³ que se afirmou no discurso das classes dirigentes durante a dinastia Flaviana, efeito de uma alteração que “[...] puede asociarse con un cambio social más amplio”⁴ (GOODYEAR, 1989, p.734) e que reflete uma alteração de espírito da sociedade romana. Embora rareiem informações acerca da biografia de Juvenal, estima-se que sua atividade poética teria começado pouco depois da morte de Domiciano, aproximadamente em 100 d.C., por volta dos quarenta anos do poeta, e prosseguiu ao longo dos principados de Trajano e Adriano (SOUZA, [1977]). Produzida no final da Dinastia dos Flávios ou no início do período dos Antoninos, a sátira juvenaliana assinala reatividade à introdução de costumes estrangeiros e aos modos efeminados dos homens, lembrando-nos o conservadorismo fundado na antiga *gravitas*, um dos valores nacionais da alma original romana, a qual a Roma Flaviana buscou retomar. Juvenal, assim, criticará a miscigenação cultural ocorrida em Roma em função da absorção de elementos advindos de outros povos. Aos olhos de romanos tradicionalistas, como Juvenal, a transformação do comportamento romano significava corrupção de costumes, degradação moral e subversão dos valores nacionais.

Ao justificar a opção pelo gênero satírico em sua programática sátira I, Juvenal esclarece que essa é a única forma de poesia a possibilitar o retrato realista de sua época, já que objetiva atacar, em última instância, a corrupção de costumes e as injustiças sociais, que motivam sua ira e *indignatio*. Assim, nos v. 1, 25-29, Juvenal elenca uma série de personagens representativos dos vícios da sociedade romana, que, sistematicamente, serão alvo em sua obra como um todo: advogados, magistrados e tutores corrompidos, falsificadores, caçadores de testamento, libertos novos-ricos, clientes, rufiões, homens efeminados e pervertidos, entre outros exemplos de tipos envolvidos em atos ilícitos ou vergonhosos segundo os hábitos tradicionais romanos (VITORINO, 2003).

René Martin e Jacques Gaillard (1990, p.318) situam a sátira entre as formas do gênero afetivo, juntamente com as poesias lírica, bucólica e elegíaca, uma vez que não veem por que “[...] a expressão poética de uma emoção violenta, como a raiva, deva ser separada de outro sentimento forte como o amor”. Assim sendo, a poesia satírica, quanto ao fundo, apresenta como elemento estruturador fundamental uma *persona* satírica, porta-voz do poeta, ainda que empregada a tensão dialógica entre dois personagens como estratégia discursiva de exposição dos pontos de vista antagônicos, a exemplo da conversa entre o satírico e Névolus na sátira IX. Essa *persona* caracteriza-se

³ Por ideologia, entendemos o conjunto de ideias que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens (FIORIN, 2007).

⁴ “[...] pode associar-se a uma mudança social mais ampla”.

pelo desejo incontido de delatar a verdade (SILVA, 2001). Mobiliza-se pela intenção de denunciar a realidade, o que constitui um segundo elemento estruturador do gênero: o objetivo de corrigir os vícios da humanidade, combatendo-os por meio da derisão ou pela crítica violenta, como anuncia Juvenal em sua sátira inicial.

A atitude da *persona* satírica de crítica à sociedade, por sua vez, alia-se à presença de determinados *tópoi*. O satírico elege temas específicos entre a vastidão de possibilidades que oferece a panorâmica da vida humana: atitudes, costumes, reações, que seus concidadãos veem sem dúvida como coisa normal e que afetam o poeta até chegar à indignação. Podem assinalar-se duas ramificações no objetivo da sátira, a saber, a) denunciar a corrupção de valores; e b) fazer o leitor ver a responsabilidade que tem nessa corrupção. Sendo assim, a sátira latina tem caráter de ensinamento moral, a base de um terceiro elemento do gênero: a temática. Apesar da diversidade de tons de cada satírico, observa-se certa coincidência temática, que permite se falar da existência de *tópoi*. No caso da sátira IX, o *tópos* que a conecta às demais, no todo orgânico da obra de Juvenal, é a corrupção dos costumes.

A essas características gerais do gênero, devemos acrescentar marcas peculiares de cada satírico. No caso da poesia juvenaliana, um dos seus traços mais característicos é a *persona* satírica marcada, essencialmente, pela indignação⁵ frente ao colapso moral da sociedade romana. A *indignatio* é um das questões da obra de Juvenal mais abordadas ao longo de sua recepção crítica e não apresenta consenso, quer seja entre estudiosos, quer seja entre eruditos e literatos. Para uns, como o autor romântico francês Victor Hugo, a *indignatio* juvenaliana fundamentar-se-ia num sentimento republicano desgostoso com o Império e, assim, derivaria da reação de um homem virtuoso contra a corrupção dos costumes que começou a se aprofundar desde a dinastia Júlio-Claudiana e atingiu o ápice com Domiciano. Para outros, essa *indignatio* corresponderia à inveja de Juvenal decorrente da preferência de que contemporâneos desfrutavam e ao seu ódio frente ao desprezo sofrido pelos poetas, que tinham que adotar a posição de *clientes* para sobreviver. Por outro lado, existe uma linha de críticos que não veem sinceridade na *indignatio* e consideram-na um exercício de retórica, já que o poeta se refere a pessoas que já morreram (SOUZA, [1977]).

Textualmente, esse sentimento de revolta é urdido por meio de determinados recursos literários. A sátira juvenaliana encontra-se, assim, expressivamente marcada por figuras de estilo (hipérboles, metáforas etc.), devido à formação e intensa prática retórica de Juvenal; palavras gregas, arcaísmos, termos coloquiais e de baixo calão – como *cinaedus*, *pathicus*, *terere*, *agere*, *moechus*, *inclinare*, *neruus*, *penis*, *uiscera*, *inguina*, para ficarmos com exemplos apenas da sátira IX –, que conferem realismo à linguagem

⁵ A *indignatio* de Juvenal foi muito discutida ao longo da fortuna crítica do poeta, o que deu margem a linhas de interpretação as mais diversas, algumas fundamentadas em dados biográficos; outras, em vicissitudes da economia interna da sátira juvenaliana, que apresenta nítida influência da retórica, ou ainda em convenções do gênero satírico e em motivações políticas (VITORINO, 2003).

por meio de que se concretiza, no tecido poético, uma vigorosa descrição de detalhes da realidade humana. Esses elementos lexicais, muito presentes na poesia de Juvenal, constituem, na verdade, um legado linguístico da sátira desde seu advento enquanto gênero literário com Lucílio, o primeiro satírico latino.

Se, numa leitura superficial, sobressai-se, na sátira IX, o ofício de Névolu, homem efeminado e prostituto, merece atenção o fato de o satírico não descarregar a força de sua *indignatio* contra essa personagem. Conquanto tenha-se anunciado na sátira I que clientes, efeminados e pervertidos seriam alvo de críticas, a leitura mais atenta da sátira IX não nos transmite indignação ou, mesmo, juízo negativo da *persona* satírica com relação a Névolu, mas, ao contrário, certa compaixão para com ele.

Como apontamos, o poema estrutura-se em diálogo, cuja troca de turnos dá-se entre a *persona* satírica e Névolu. Os turnos do satírico correspondem a 55 versos, ao passo que as falas de Névolu ocupam 95 versos – respectivamente, 37% e 63% do total de 150 versos do poema. O espaço da sátira IX, portanto, é muito mais ocupado por Névolu, e o poema transformar-se-ia num monocórdico lamento do *cliens* quanto a seus sofrimentos, senão pelas breves intervenções do satírico, que parece mostrar-se interessado pelo caso do interlocutor, a começar pela própria pergunta inicial: “Scire uelim quare totiens mihi, Naeuole, tristis/ occurras fronte obducta ceu Marsya uictus./ Quid tibi cum vultu, qualem depensus habebat/ Ravola dum Rhodopes uda terit inguina barba?” [Névolu, eu queria saber por que tão frequentemente tu, triste, te apresentas a mim, coberta a fronte, como o vencido Mársias. O que tens com o rosto, qual tinha Rávola, tendo sido surpreendido, enquanto esfrega as virilhas de Ródope com a barba úmida?] (JUVENAL, 1974, p.73).

A sátira segue com a exposição que Névolu faz de seus males, num longo turno de 64 versos, pouco menos da metade do poema, interrompido pela curiosidade recorrente da *persona* satírica: “[...] iusta doloris,/ Naeuole, causa tui; contra tamen ille quid adfert?” [Névolu, justo o motivo de teu sofrimento; mas ele, em contrapartida, o que alega?] (JUVENAL, 1974, p.75). Fazendo as vezes de magistrado – aqui não podemos negligenciar associações com a vivência do poeta no meio judicial –, o satírico julga procedente a reclamação de Névolu, como se tratasse de um tribunal de pequenas causas. Mas, se por um lado, Névolu, o reclamante, passa incólume à cólera do satírico, o mesmo não notamos com relação ao patrono do *cliens*. Em nossa proposta de leitura, Virrão é o verdadeiro vilão da sátira IX e, esse sim, representa um segmento apodrecido da sociedade romana da época.

O ponto alto da crítica ocorre quando Névolu revela à *persona* satírica que engravidou a esposa de Virrão, para que o patrono usufruísse das leis testamentárias romanas. As leis *Iulia de maritandis ordinibus* e *Papia Poppea* definiam que homens solteiros e casados sem filhos perdiam o direito à herança, os primeiros totalmente e

os segundos, parcialmente. Só gozavam do direito aos *bona caduca* homens casados que tivessem filhos. A *Lex Papia Poppaea* estabelecia ainda que homens casados que tinham mais de três filhos ficavam isentos de impostos pessoais. Portanto, Virrão, enquanto homem efeminado, não teria direito à herança, não fosse a contribuição de Névol, escusa mas providencial.

O homoerotismo na sátira IX, portanto, exige-nos compreensão de questões complexas no horizonte da cultura latina, que vão além da discussão em torno apenas de sexualidade. Segundo Williams (1999), tanto atos quando parceiros sexuais não eram classificados, na Antiguidade, em função de gêneros. A categorização, no entender de Parker (1997), assentava-se na atividade sexual propriamente dita, isto é, no fato de que o “ativo” penetra o orifício (vagina, ânus, boca) do corpo de alguém que se encontra em posição social/sexual inferior e é visto, portanto, como “passivo”, seja qual for o sexo. Nessa perspectiva, tanto o *uir* (macho, ativo, *fututor*) quanto a *femina* (fêmea, passiva, *fututa*) não necessariamente corresponderiam à categoria moderna de heterossexual. A relação entre homem e mulher na Roma antiga estava diretamente vinculada à instituição do casamento, buscado pelo cidadão “[...] para esposar um dote (era um dos meios honrosos de enriquecer) e para ter, em justas bodas, rebentos que, sendo legítimos, recolheriam a sucessão; e perpetuariam o corpo cívico, o núcleo dos cidadãos” (VEYNE, 2004, p.48). Assim, o sexo entre homens e mulheres independia da noção de prazer, já que a existência apenas de relações homoeróticas comprometeriam a manutenção da espécie/*ciuitas*, aos olhos da sociedade antiga. Homens efeminados, *uiri efeminati* – um paroxismo para a mentalidade romana tradicionalista –, não produziriam prole e, portanto, não deveriam ser recompensados social e tributariamente.

Nessa linha de leitura, entendemos que uma das mais acerbas críticas empreendidas por Juvenal na sátira IX não se direciona especificamente ao homoerotismo de Virrão ou de Névol, mas, antes, ao fato de um membro das classes dirigentes, que deveria ser exemplo de conduta social, contornar as leis romanas, no caso, as leis testamentárias, para se beneficiar. No entanto, ao longo da tradição impressa da obra juvenaliana, o homoerotismo masculino assumiu primeiro plano, a ponto de, em algumas edições, a sátira IX vir intitulada “*Cinaedi et pathici*”. O título, atribuído por editores a partir de palavras extraídas do próprio poema, estabelece uma oposição estanque de papéis sexuais inerentes à relação homoerótica masculina, a saber, o ativo – *κίναϊδος* (JUVENAL, 1974, v.37, p.74) e o passivo – *pathicus* (JUVENAL, 1974, v.130, p.77), que não corresponderia à realidade dinâmica do homoerotismo masculino no mundo romano antigo. Esse excessivo destaque grifa o conteúdo “obsceno” do texto para obviamente alertar o leitor, comportamento típico da mentalidade burguesa e moderna que busca reprimir o sexo entre homens, desqualificado por não se enquadrar no esquema da sexualidade produtiva, e

[...] o que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. (FOUCAULT, 2001, p.10).

Daí uma série de expurgos na sátira IX em edições modernas da obra de Juvenal, relacionados direta ou indiretamente ao homoerotismo masculino, conforme veremos adiante. O rótulo “*Cinaedi et pathici*” prenuncia, assim, personagens que encarnam esses papéis, com base nessa ótica maniqueísta – Névolos (ativo) X Virrões (passivo). Por outro lado, se considerarmos a hipótese de o Névolos de Juvenal ser o mesmo Névolos que aparece no epigrama III, 71, de Marcial – o que de resto ocorre com outras personagens –, a ideia de uma cristalização dos papéis sexuais homoeróticos masculinos é totalmente equivocada. Em Marcial, Névolos é passivo: “*Mentula cum doleat puero, tibi, Naeuole, culus./ Non sum diuinus, sed scio quid facias.*” [Embora ao escravo doa o caralho, a ti, Névolos, [dói] o cu./ Não sou advinho, mas sei o que fazes.] (MARTIAL, 1924)⁶. Edoticamente, essa oposição se perdeu, ao longo do tempo, em edições francesas – “*Les protecteurs et les protégés obscènes*” – e luso-brasileiras – “Os protetores e os protegidos obscenos” –, permanecendo, no entanto, a questão em torno do homoerotismo no centro dos cuidados de editores, tradutores e comentaristas, uma vez que, conforme veremos, o texto desse poema sofrerá censura em função da presença de elementos considerados obscenos pelo mundo moderno.

Na edição das sátiras de Juvenal integrante da coleção francesa *Ad usum Delphini*, Ludovicus Prateus – nome latino do professor Luiz do Prado – expurgou nove das dezesseis sátiras de Juvenal. No total, 79 versos foram suprimidos parcial ou integralmente. Eis a relação de expurgos somente na sátira IX, que aqui nos interessa em particular.

[...] *uda terit inguina barba?*
(JUVENAL, 1974, v.4, p.73).

[[...] esfrega as virilhas com a barba úmida?].

*notior Aufidio moechus celebrare solebas,
Quodque taces, ipsos etiam inclinare maritos.*
(JUVENAL, 1974, v. 25-26, p.73).

⁶ Agradecemos a informação desse epigrama de Marcial ao pesquisador Filipe Costa, mestrando em Letras Clássicas do Programa de Letras Clássicas da UFRJ.

[adúltero mais famoso que Aufídio, costumavas ainda, o que tu calas, corromper os próprios maridos].

[...] *fatum est et partibus illis.*
Quas sinus abscondit. Nam si tibi sidera cessant,
Nil faciet longi mensura incognita nervi,
Quamvis te nudum spumanti Virro labello
Viderit et blanda adsidue densaeque tabellae
sollicitent, αὐτὸς γὰρ ἐφέλκεται ἄνδρα κίναϊδος.
(JUVENAL, 1974, v. 32-37, p.74).

[...] o destino está também naquelas partes que o vestido esconde. Com efeito, se os astros te negligenciam, nada granjeará o desconhecido tamanho do longo pênis, embora Virrão te veja nu, o labiozinho espumando, e, com frequência, carinhosas e numerosas cartas convidem: “por si só o efeminado seduz um homem”].

An facile et pronum est agere intra viscera penem
Legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?
(JUVENAL, 1974, v.43-44, p.74).

[Acaso é fácil e suportável meter um excelente pênis entre as entranhas e encontrar ali a ceia da véspera?].

Ad quem pervenit lecti sonus et dominae vox.
(JUVENAL, 1974, v.78, p.75).

[A quem chegou o ruído do leito e a voz da senhora].

[...] *pathicus* [...]
(JUVENAL, 1974, v.130, p.77).

[...] efeminado [...].

[...] *inguine* [...]
(JUVENAL, 1974, v.136, p.77).

[...] virilha [...].

O padre jesuíta francês Tarteron, por sua vez, em edição bilíngue (PERSE; JUVENAL, 1706), foi muito mais severo do que Prado nos expurgos e cortou 48 versos da sátira IX:

*Quid tibi cum uultu, qualem deprensus habebat
Rauola dum Rhodopes uda terit inguina barba?
Nos colaphum incutimus lambenti crustula seruo.*
(JUVENAL, 1974, v.3-5, p.73).

[O que tens com o rosto, qual tinha Rávola, tendo sido surpreendido, enquanto esfrega as virilhas de Ródope com a barba úmida? Nós lançamos uma bofetada ao escravo que lambe bolos].

sed fruticante pilo neglecta et squalida crura.
(JUVENAL, 1974, v.15, p.73).

[mas as pernas não cuidadas, brotando o pelo, e ásperas].

et Cererem (nam quo non prostat femina templo?)
(JUVENAL, 1974, v.24, p.73).

[e Ceres (acaso em que templo uma mulher não se prostitui?)].

quodque taces, ipsos etiam inclinare maritos.
(JUVENAL, 1974, v.26, p.73).

[o que tu calas, corromper os próprios maridos].

*fata regunt homines, fatum est et partibus illis
quas sinus abscondit. Nam si tibi sidera cessant,
nil faciet longi mensura incognita nerui,
quamuis te nudum spumanti Virro labello
uiderit et blandae adsidae densaeque tabellae
sollicitent, αὐτὸς γὰρ ἐφέλκεται ἄνδρα κίναιδος.
quod tamen ulterius monstrum quam mollis auarus?*
(JUVENAL, 1974, v.32-38, p.74).

[O destino governa os homens, o destino está também naquelas partes que o vestido esconde. Com efeito, se os astros te negligenciam, nada granjeará o desconhecido tamanho do longo pênis, embora Virrão te veja nu, o labiozinho espumando, e com frequência carinhosas e numerosas cartas convidem: 'por si só o efeminado seduz um homem'. Mas que monstruosidade mais extrema do que um avarento efeminado?]

*An facile et pronum est agere intra uiscera penem
legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?
Seruus erit minus ille miser qui foderit agrum
quam dominum. Sed tu sane tenerum et puerum te
et pulchrum et dignum cyatho caeloque putabas.
Vos humili adseculae, uos indulgebitis umquam
cultori, iam nec morbo donare parati?*
(JUVENAL, 1974, v.43-49, p.74).

[Acaso é fácil e suportável meter um excelente pênis entre as entranhas e encontrar ali a ceia da véspera? Será menos desgraçado o escravo que tiver cavado o campo do que o que tiver cavado o senhor. Mas tu sem dúvida te julgavas terno e menino e belo e digno de uma taça e do céu. Vós vos entregareis a um humilde assecla, vós vos entregareis, em algum momento, ao que [vos] cultua, já não dispostos a [vos] conceder ao vício?].

*incipit et strata positus longaque cathedra
munera femineis tractat secreta kalendis.*
(JUVENAL, 1974, v. 52-53, p.74).

[instalado em coberta e espaçosa cadeira, abre os secretos presentes nas calendas femininas].

*Verum, ut dissimules, ut mittas cetera, quanto
metiris pretio quod, ni tibi deditus essem
deuotusque cliens, uxor tua uirgo maneret?*
(JUVENAL, 1974, v. 69-72, p.75).

[Mas, ainda que dissimules, que omitas as demais coisas, com quão grande estima tu avalias o fato de que, se eu não te fosse um cliente dedicado ou devoto, tua esposa permaneceria virgem?].

*amplexu rapui; tabulas quoque ruperat et iam
signabat; tota uix hoc ego nocte redemi
te plorante foris. Testis mihi lectulus et tu,
ad quem peruenit lecti sonus et dominae uox.
Instabile ac dirimi coeptum et iam paene solutum
coniugium in multis domibus seruauit adulter.
Quo te circumagas? Quae prima aut ultima ponas?
Nullum ergo meritum est, ingrata ac perfide, nullum
quod tibi filiulus uel filia nascitur ex me?*

*Tollis enim et libris actorum spargere gaudes
argumenta uiri. Foribus suspende coronas:
iam pater es, dedimus quod famae opponere possis.
Iura parentis habes, propter me scriberis heres,
legatum omne capis nec non et dulce caducum.
Commoda praeterea iungentur multa caducis,
si numerum, si tres impleuero.*
(JUVENAL, 1974, v. 75-89, p.75).

[Agarrei, com um abraço, a jovem esposa que fugia algumas vezes; também romperá os contratos e já assinava [outros]; eu, a custo, em toda uma noite, salvei isto, chorando tu do lado de fora. O leito me é testemunha e tu, a quem chegou o ruído do leito e a voz da senhora. Em muitas casas, o adúltero conservou o casamento instável e até começado a se romper e quase desfeito. Para que tu te rodeias? Quais argumentos dirás como primeiros e como últimos? Portanto, não é mérito algum, ingrato e pérfido, mérito algum o fato de que um filhinho ou uma filha nasceu-te de mim? Reconheces, com efeito, e alegras-te em disseminar provas de virilidade nos livros dos atos. Pendura coroas na porta: já és pai, demos o que podes objetar à má reputação. Tens diretos de pai, graças a mim és registrado herdeiro, recebes toda a herança e ainda os caros bens caducos. Além disso, muitos proveitos acrescentar-se-ão aos bens caducos, se eu tiver completado o número, se eu tiver completado três [filhos]].

*Ne trepida, numquam pathicus tibi derit amicus
stantibus et saluis his collibus; undique ad illos
conuenient et carpentis et nauibus omnes
qui digito scalpunt uno caput. Altera maior
spes superest, tu tantum erucis inprime dentem.
Haec exempla para felicibus; at mea Clotho
et Lachesis gaudent, si pascitur inguine uenter.*
(JUVENAL, 1974, v.130-136, p.77).

[Não temas, nunca te faltará um amigo efeminado, estando estas colinas de pé e a salvo; até elas, viram de toda a parte, não só por carruagens bem como por navios, todos aqueles que esgaravatam a cabeça com um único dedo. Resta outra esperança maior, afunda tu os dentes apenas nas erucas. ‘Ordena estes exemplos aos venturosos. Mas a minha Cloto e Láquesis alegram-se, se o ventre é alimentado graças à virilha].

Os expurgos de Prado e de Tarteron diferem sensivelmente quanto ao número e à extensão dos trechos censurados. O primeiro limitou-se a eliminar apenas passagens marcadas por léxico relacionado a ato sexual e genitália – *inguen* (v.4 e 136), *moechus* (v.25), *inclinare* (v.26), *neruus* (v.34), *nudus* (v.35), *κίναϊδος* (v.37), *agere* (v.43),

penis (v.43) e *pathicus* (v.103). O segundo, no entanto, retirou não somente passos assinalados por essas palavras, bem como outros com desdobramentos da temática homoerótica, constringedores também para a moral da época do editor/tradutor, a exemplo dos v.75-89 – a forma ilícita com que Virrão consegue usufruir das leis testamentárias romanas. Embora essa passagem não apresente propriamente vocabulário obsceno, numa perspectiva moderna do termo, Névolô revela à *persona* satírica que engravidou a esposa de Virrão, para que o patrono pudesse receber os *bona caduca*. Conforme expusemos, as leis *Iulia de maritandis ordinibus* e *Papia Poppea* impediam que homens sem filhos, tanto solteiros quanto casados, tivessem acesso à herança.

Esses elementos, tanto temáticos quanto lexicais, como apontamos, coloboram na estruturação não só da obra juvenaliana, bem como do próprio gênero satírico. Em nossa proposta de abordagem, esses expedientes edóticos correspondem a mecanismos de censura bibliográfica, compreendida aqui minimamente como conjunto de procedimentos para fins de direcionamento da leitura e controle social. Aos expurgos da sátira IX, acrescentaríamos um sem-número de procedimentos de cerceamento da leitura encontradiços não só em edições modernas de vários outros autores latinos, como Plauto, Catulo, Horácio, Tibulo, Propércio, Ovídio e Apuleio, bem como em atos do poder oficial, conforme flagramos, por exemplo, na correspondência de José Pereira da Silva Manoel, citada na abertura deste artigo.

“As *Selectas* de Chompré [...]” (VERDELHO, 1995, p.202), prescritas pelas *Instruções* de Marquês do Pombal, que José Pereira indicou aos alunos expropriados de seus livros de poesia latina, correspondem aos *Selecta latini sermonis exemplaria: e scriptoribus probatissimis*, em dois volumes publicados em Paris pelo professor e latinista francês Pierre Chompré, em 1751. Sua inclusão entre as prescrições bibliográficas das *Instruções* certamente foi o que conferiu ao autor *status quo* no ensino oficial de latim no mundo lusófono. Não obstante as disparidades entre a sede do império português e suas colônias, Gilda Maria Whitaker Verri atesta que, ainda no séc. XVIII, em Pernambuco, os textos dos *Selecta* já estavam sendo “muito utilizados em classes de gramática” (VERRI, 2009, p.225). Márcia Abreu (2002), em sua estatística de livros mais remetidos ao Brasil antes da transferência da Corte, lista os *Selecta* em terceiro lugar. Não obstante a mudança da Família Real para o Brasil, os *Selecta* se mantiveram na mesma colocação entre os mais comercializados pelo mercado livreiro do oitocentos brasileiro.

A despeito da queda do Marquês do Pombal e conseqüentemente de suas *Instruções*, Chompré continuou a gozar de prestígio no ensino institucionalizado de latim, como se conclui a partir do Programa do Colégio de Pedro II de 1865. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira (2006, p.236) revela que, entre os compêndios escolares, o “Programa ainda reintegrava [...] as *Selectas* de Pierre Chompré (1698-1760) para ajudar o estudante no conhecimento da língua e iniciá-lo na literatura”.

Até a primeira metade do séc. xx, editava-se Chompré no Brasil, pelo menos o *Dicionário abreviado da fábula, para inteligência dos poetas, dos painéis e das estátuas, cujos argumentos são tirados da história poética*. A última edição de que se tem notícia é de 1938, publicada por F. Briguier & Cia. Editores. A utilização sistemática por tanto tempo de um autor que empregava mecanismos de censura bibliográfica provavelmente deixou marcas indeléveis na mentalidade de várias gerações acerca dos clássicos latinos.

Na transmissão da cultura clássica, as figuras de educador, tradutor e editor frequentemente mantêm estreito contato ou até se confundem. Aldo Manúzio, primeiro grande editor do Humanismo, que publicou aproximadamente 150 obras clássicas, foi, inicialmente, professor e tornou-se editor *a posteriori*, realizando editorialmente os objetivos da educação humanista definidos por Erasmo de Rotterdam. A edição de textos – conjunto de procedimentos mecânicos e intelectuais regulados pela filologia – reveste-se da função social de “vigiar a tradição litúrgica e também literária da comunidade”, e “a tarefa básica dos filólogos consiste em salvar os textos da destruição material” (LAUSBERG, 1974, p.21). Mas, sabemos, essa salvaguarda nunca foi imparcial e desprovida de interesses para além das qualidades literárias dos textos.

A atuação do editor até o advento da moderna ciência filológica no séc. xix com Karl Lachman, era muito influenciada pelo subjetivismo. Lachmann, no prefácio de sua edição de Lucrécio, publicada em 1816, censurava o “[...] sistema, vigente em sua época, de editar um autor tomando por base uma edição autorizada e introduzindo nela as modificações segundo o arbítrio pessoal” (SPINA, 1994, p.72). O filólogo alemão desconfiava, inclusive, dos “[...] manuscritos de época humanista, porque se trata usualmente de exemplares alterados, e aprontados num desejo de elegância e perfeição formal” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p.31).

Longe de adotarmos a postura condenadora de Lachmann ou de demais filólogos, preferimos compreender as arbitrariedades de editores e de tradutores como a concretização de algo para além de individualismos. Esses personagens consistem, antes de mais nada, em agentes sociais, e, portanto, suas intervenções no texto de Juvenal, ou de outros autores clássicos, remetem a causas bem mais complexas do que as adulterações, omissões ou traduções atenuadas de passagens apontariam em primeira análise – refletem fatos sociais que permeiam as decisões dos indivíduos e suas idiossincrasias.

Segundo Émile Durkheim (1973), os fatos sociais correspondem a formas de conduta, de pensamento ou, ainda, de sentimento exteriores ao indivíduo, que exercem poder de coerção, independentemente de sua vontade ou concordância. Não devem, portanto, ser confundidos com fenômenos orgânicos, uma vez que são representações e ações, nem com fenômenos psíquicos, pois não se originam nem dependem da consciência dos indivíduos mas da sociedade integral ou parcialmente

compreendida, no âmbito de ordens religiosas, escolas políticas, literárias, corporações profissionais, entre outras.

Nesse sentido, Durkheim (1973) entende que a educação funciona como um mecanismo por meio do qual a sociedade impõe ao indivíduo maneiras de ver, de sentir e de agir, que não seriam apreendidas espontaneamente. A educação objetiva criar o ser social, por meio da coação, que, em última instância, nada mais é do que a pressão da sociedade, exercida pela pessoa dos pais ou educadores sobre a criança, buscando moldá-la à sua imagem e semelhança. Na esteira do sociólogo alemão, aplicamos seu entendimento de educador aos editores, tradutores e organizadores de várias edições de clássicos, uma vez que, como afirmamos, a publicação de autores greco-latinos surge, no Humanismo, como extensão da proposta educacional erasmiana. Para Erasmo, importava a leitura dos gregos e dos latinos, sobretudo, por uma questão pedagógica, já que, no entender do humanista, todo o conhecimento contido nessas duas literaturas era vital para a humanidade.

No entanto, Manúzio, em nenhuma de suas edições praticou o expurgo, empreendendo uma zelosa pesquisa de fontes para oferecer aos leitores o texto dos autores gregos e latinos com a máxima confiabilidade possível. As primeiras edições modernas contendo textos censurados surgirão, coincidentemente ou não, no século XVII, “[...] início de uma época de pressão própria das sociedades chamadas burguesas” (FOUCAULT, 2001, p.21), a exemplo da coleção *Ad usum Delphini*, publicada no séc. XVII, na França. Voltada à formação do Delfim, futuro rei de França, a coleção logrou sucesso *extra muros*, de modo a volumes seus se encontrarem em bibliotecas não só de aristocratas de outros países, a exemplo da Real Biblioteca Portuguesa, incorporada posteriormente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como ainda nos acervos particulares de intelectuais como o magistrado e escritor espanhol Gaspar Melchor de Jovellanos. Os mentores da coleção – o Duque de Montausier, homem de grande rigor moral, e o literato Pierre Daniel Huet, ambos tutores do Delfim – almejaram, além de melhorar a qualidade das edições de autores latinos em uso, resgatar a literatura latina da decadência causada pela crise no ensino de humanidades, sobretudo em função do fechamento sistemático dos colégios da Companhia de Jesus.

A coleção *Ad usum Delphini* reintroduzia o texto original das obras latinas, em lugar de traduções, e oferecia ainda explicações em latim. Os autores eram traduzidos em prosa latina, e, assim, intensificava-se o hábito de leitura em latim. O projeto, desenvolvido após 1670, revolucionou o mercado francês de clássicos latinos – até então a ideia de coleção consistia na reunião de belas passagens, uma série de extratos ou ainda na compilação de passagens de um mesmo autor –, pois pela primeira vez oferecia o agrupamento ordenado e uniforme dos autores pagãos. Não obstante as virtudes e grandiosidade do empreendimento editorial, alguns volumes foram duramente criticados, entre os quais, as sátiras completas de Juvenal e Pérsio, sob a

responsabilidade de Luiz do Prado, cujos expurgos dos textos dos satíricos indignaram Pierre Bayle, professor universitário francês radicado na Holanda: “*Qui nous a donné le droit de mutiler les monumens des Anciens?*”⁷ (BAYLE, 1727, p.144).

Pouco mais de um século depois, a “mutilação” do texto juvenaliano por editores voltaria a ser motivo também de reclamação, agora para o tradutor português Francisco Antonio Martins Bastos. No prólogo de sua tradução integral das sátiras de Juvenal, publicada em Lisboa, em 1839, o latinista declara:

Apesar de tudo, Juvenal, como todos os homens, teve inimigos, que até aconselharam eterno desprezo às suas obras; teve amigos, que o estudaram e traduziram, e teve apaixonados, entre os ingleses, que o aclamaram Príncipe dos Poetas Satíricos. De que maneira se representa o mesmo objeto a diferentes olhos! O aferro ao crime, e o temor do mesmo crime produzem este efeito. O criminoso não se quer ver acusado neste severo Tribunal; o virtuoso teme cometer crime, em ver pintados os vícios com as cores naturais, manejadas por tão hábil Mestre, empregadas, não para ensinar a cometer delitos, mas para que mostrando todo o seu horror, os homens os evitem. Daqui resultou aparecer o poeta mutilado em imensos lugares, nas edições, comentários e versões que publicaram Luiz do Prado, Rodellio, o padre Juvêncio e o padre Tarteron, que penso não foi tão escrupuloso nos trechos que publicou dele, debaixo do nome de Boileau, Mr. Parella em 1827. O mais deplorável é que cada um o desfigurou onde lhe pareceu; um cortou-lhe o nariz; outro tirou-lhe um olho, outro amputou-lhe uma perna, e assim ficou a belíssima estátua inteiramente perdida. (JUVENAL, 1839, p.xx-xxii, grifo nosso).

Felizmente, a obra de Juvenal e dos demais clássicos latinos sobreviveram às intervenções diretas ou indiretas de editores, tradutores e comentadores, como um palimpsesto refratário ao tempo. Uma arqueologia da transmissão da literatura latina revela questões importantes sobre nossa complexa maneira de lidar com o mundo antigo – misto de fascínio e estranhamento – e nos mostra que tradição e censura são fenômenos relacionados entre si, faces da mesma moeda. Não obstante cerceamentos, as obras antigas resistem ao tempo, acumulando camadas de significados, fruto das análises, leituras, traduções e, mesmo, expurgos de agentes sociais representativos das mais diversas épocas e culturas.

MONIZ, F. F. de S. Social control in transmission of Latin literature. **Revista de Letras**, São Paulo, v.54, n.1, p.129-149, jan./jun. 2014.

⁷ “Quem nos deu o direito de mutilar os monumentos dos Antigos?”.

- **ABSTRACT:** *This article intends to point out aspects of the bibliographic censorship in the transmission of Latin literature, minimally understood as a set of mechanic and intellectual proceedings at the edition of books aiming at reading orientation and social control. As corpus from our deliberations, we have selected the satire IX, for it is one of Juvenal's most censored poems within the literary tradition. Primarily, we shall investigate and understand this work, identifying framework elements from the satirical gender and from the juvenalian aesthetics. Later, we may observe questions related to the transmission of the text from Juvenal, chiefly devoting ourselves to the purges in some modern editions from his satires. Regarding the notion of social control, we based ourselves on the thoughts of Émile Durkheim and Michel Foucault, by using newer approaches over the subject, suggested by Marcos César Alvarez (2004) in his article "Controle social: notas em torno de uma noção polêmica".*
- **KEYWORDS:** *Latin literature. Satire. Juvenal. Bibliographic censorship. Social control.*

Referências

ABREU, M. Leituras no Brasil colonial. **Remate de Males**, Campinas, n.22, p.161-173, 2002.

ALVAREZ, M. C. Controle social: notas em torno de uma noção polêmica. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.18, n.1, p.168-176, 2004.

BAYLE, P. **Oeuvres diverses**. La Haye: P. Husson, T. Johnson, P. Gosse, J. Swart, H. Scheurleer, J. Van Duren, R. Alberts, C. Le Vier, F. Boucquet, 1727.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FINDLEN, P. Humanismo, política e pornografia no Renascimento italiano. In: HUNT, L. (Org.). **A invenção da pornografia**. São Paulo: Hedra, 1999. p.49-114.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GOODYEAR, F. R. D. Retórica y erudición. In: KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. V. **Historia de la literatura clásica**. Madrid: Gredos, 1989. v.2, p.734-740.

JUVENAL, D. J. **As satyras**. Tradução Francisco Antonio Martins Bastos. Lisboa: Imprensa de Candido A. da S. Carvalho, 1839.

_____. **Sátiras**. Introdução, tradução y notas de Trad. Roberto Heredia Correa. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1974.

LAUSBERG, H. **Linguística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugalia, 1938. v.2.

MARTIAL. **The twelve books of epigrams**. Michigan: G. Routledge, 1924.

MARTIN, R.; GAILLARD, J. **Les genres littéraires à Rome**. Paris: Nathan, 1990.

MONIZ, F. S. A leitura dos clássicos a partir da reforma do Marquês de Pombal. **Cultura e Fé**, Porto Alegre, v.32, n.125, p.225-244, 2009.

OLIVEIRA, L. E. M. **A instituição do ensino de línguas vivas no Brasil: o caso da língua inglesa (1809-1890)**. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PARKER, H. N. The teratogenic grid. In: HALLET, J. P.; SKINNER, M. B. **Roman sexualities**.

Princeton: Princeton University Press, 1997. p.47-65.

PERSE; JUVENAL. **Traducción des satyres**. Paris: Compagnie des Libraires, 1706.

SILVA, M. E. S. Juvenal: aspectos temáticos e estilísticos. **Calíope Presença Clássica**, Rio de Janeiro, n.10, p.135-152, 2001.

SOUZA, R. A. **Manual de história da literatura latina**. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, [1977].

SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, S. **Introdução à ecdótica: crítica textual**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1994.

VERDELHO, T. **As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas**. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

VERRI, G. M. W. Leituras e sociabilidades em Pernambuco no século XVIII. **Eutomia**: revista online de literatura e linguística, Recife, v.1, n.2, p.222-232, 2009.

VEYNE, P. **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VITORINO, M. C. **Juvenal**: o satírico indignado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2003.

WILLIAMS, C.A. **Roman homosexuality**: ideologies of masculinity in classical antiquity. Oxford: Oxford University Press, 1999.

